

CAMINHOS DE TRADUÇÃO

Rafael Lima dos Santos/Bacharel Português-Alemão UFRJ/ Mestrando Curso Interdisciplinar de Lingüística Aplicada - UFRJ

Este breve artigo tem por objetivo comentar critérios de que os tradutores se utilizam para realizar seu trabalho, tendo em vista as alterações sempre necessárias que fatalmente ocorrem quando o que está em jogo são textos de caráter literário. Dentro dessa perspectiva, a de que a tradução do tipo literária, ao contrário da tradução do tipo técnico-científica, implica em “desvios” dos quais praticamente não se pode fugir, fica o questionamento: o que deve ser priorizado quando alguém se propõe trabalhar com um texto literário (e, mais especificamente, com poemas), a forma do poema original ou seu conteúdo? E digo *ou* porque preservar forma *e* conteúdo é quase impraticável por causa das alterações resultantes das diferenças naturais entre sistemas lingüísticos diferentes.

Quero partir de alguns poemas cujas traduções já foram realizadas para a língua portuguesa em antologias que julgo serem conhecidas tanto por estudantes da língua alemã quanto por seus professores.

Antes disso, acredito ser de relevância estabelecer diferenças entre denominações que quase sempre o senso comum confunde. “Tradução” não é sinônimo de “versão”, não é sinônimo de “recriação”. Segundo Erwin Theodor, o domínio de tais diferenças, bem como a escolha da técnica pela qual o tradutor vai se orientar (*traduzir*, *verter* ou *recriar*) são fundamentais para a realização de um bom trabalho. Para o autor, a *natureza* do texto em sua língua original é que será determinante para essa orientação: um texto técnico-científico, por exemplo, se presta mais abertamente à *tradução* propriamente dita por lidar, quase sempre, com um conteúdo específico, delimitado, não suscetível a várias interpretações. Seguem as definições por ele propostas:

Tradução = trabalho consciente e exato de transposição de um idioma para outro, entretanto desprovido de cunho artístico;
Versão = trabalho de transposição, exato e artístico;
Recriação = trabalho de passagem de um texto para outro idioma, artístico, mas pouco exato.

Independentemente do processo escolhido pelo tradutor, uma coisa é certa: aquele que se propõe transpor um texto de uma língua a outra, o faz buscando o máximo de fidelidade possível.

O texto literário, porém, apresenta um “problema”: ele, além de seu conteúdo, apresenta uma forma bem peculiar. Quem escreve um poema se depara com a questão do formato que esse poema possivelmente vai ter uma vez impresso: um poema com rimas não tem o mesmo formato de um sem; aquele que é disposto em estrofes tem uma configuração estética diferente do poema cujos versos são contínuos, ou mesmo com versos arranjados de forma aleatória. O tradutor, é o que se espera, deve, na medida do possível e do cabível, alterar o mínimo, interferir o mínimo – tanto na forma quanto no conteúdo do texto. Vejamos, então, como os tradutores têm lidado com isso.

In der Fremde (J. von Eichendorff)

es kennt mich dort keiner mehr.

Aus der Heimat hinter den Blitzen rot
da kommen die Wolken her,
aber Vater und Mutter sind lange tot,

No Estrangeiro

(versão de Wira Selanski, pp. 200, 201)

Lá na pátria, atrás do rubro raiar,
As nuvens pesadas vêm.
Meu pai, minha mãe já morreram; no lar
Não conhece-me mais ninguém.

da ruh ich auch, und über mir
rauscht die schöne Waldeinsamkeit
und keiner mehr kennt mich auch hier.
Mas em breve, neste silente chão,
Eu também vou descansar:
Só na bela floresta, a solidão
Nas copas a sussurrar.

Wie bald, ach wie bald kommt die stille Zeit,

Exemplo feliz de versão literária. A forma, com as devidas modificações inevitáveis, se manteve (rimas ABAB) sem que seu conteúdo fosse prejudicado. A imagem do expatriado melancólico e eternamente insatisfeito e deslocado criada por Eichendorff é mantida na transposição para a língua portuguesa. Vejamos um outro exemplo:

Du meine Seele, du mein Herz (F. Rückert)

Alma minha, coração meu
(versão de Geir Campos, pp. 208, 209)

Du meine Seele, du mein Herz,
Du meine Wonn', o du mein Schmerz,
Du meine Welt, in der ich lebe,
Mein Himmel du, darin ich schwebe,
O du mein Grab, in das hinab
Ich ewig meinen Kummer gab!

Tu, alma minha, meu coração,
Tu, meu encanto e minha paixão,
Mundo meu, a que me circunscrevo,
Tu, alto céu a que me elevo,
Ó túmulo meu, onde eu poria
para sempre a minha agonia!

Du bist die Ruh, du bist der Frieden,
Du bist der Himmel, mir beschieden.
Dass du mich liebst, macht mich mir wert;
Dein Blick hat mich vor mir verklärt,
Du hebst mich liebend über mich,
Mein guter Geist, mein bessres Ich!

Tu és a paz, tu és a calma,
O céu prometido a minha alma.
Quanto me estimas, é o que valho;
Teu olhar é o que me faz claro.
Tu me ergues muito além de mim,
Meu lado bom, meu querubim!

Parece bastante claro que o tradutor queria manter a forma do texto em língua portuguesa, de modo a corresponder, com exatidão, à forma em língua alemã, versos (esquema AABCC) e escansão. Para tanto, algumas “soluções” encontradas nos parecem algo questionáveis.

Ao traduzir, por exemplo, *Schmerz* por “paixão” ao invés de “dor” (ou algo semanticamente próximo), penso que o autor quebra um pouco a dualidade PRAZER ↔ SOFRIMENTO / Wonne ↔ Schmerz que caracteriza a relação amorosa emblematicamente romântica, na qual não há prazer que não comporte em si o sofrimento, bem como não há pesar do qual o homem romântico não possa tirar prazer, instrumentalizado-o em obra de arte, em experiência de vida. A tradução de *lebe* para “circunscrevo” nos soa bastante forçada, assim como é forçado o acréscimo do adjetivo “alto” a “céu”, sendo que, no original, não há qualquer referência dessa natureza: „*Mein Himmel du*“ poderia (e deveria, caso o tradutor não estivesse tão preocupado com a forma do poema na Língua de chegada) ser transposto para “Você é meu céu”. Com relação ao último verso, penso haver incongruência derivada da tradução de *gab* por “poria”. “Poria”, no futuro do pretérito, indica, em nossa língua, possibilidade, probabilidade, ao passo que *gab* indica, em alemão, um passado já concretizado, algo que **já** aconteceu. “Ó túmulo meu, onde eu *poria* para sempre a minha agonia!” rompe, evidentemente, com a atitude de franca entrega ao ser amado que é expressa no original.

A segunda estrofe também padece por causa da forma. „*Dass du mich liebst, macht mich mir wert*“ transposto para “Quanto me estimas, é o que valho” é discutível. *Liebst* é forma flexionada de *lieben*, que é “amar”: ora, “amar” não é sinônimo de “estimar” e, embora a mensagem desses versos não tenha sido comprometida, penso (e isso sem a menor pretensão) que uma transposição mais adequada seria “Que você me ame, me torna mais digno” → “Teu amor me enobrece”, “Teu amor me dignifica” ou qualquer opção semanticamente próxima. Para finalizar: é gritante a discrepância da transposição do último verso: primeiro porque *Geist* não é sinônimo de “lado”; segundo porque em que lugar do original aparece a palavra “querubim”?! „*Mein guter Geist, mein bessres Ich!*“, em tradução que não soasse forçosamente manipulada, poderia ser transposto como “Meu bom espírito, meu melhor eu!” → “Meu bom espírito, o que há de melhor em mim!”

O exemplo exposto não tem o propósito de questionar a capacidade do tradutor. Mas é um exemplo e tanto do quanto, ainda que sutilmente, o texto original pode ser modificado – com acréscimo arbitrário, inclusive, de palavras não pensadas pelo poeta na Língua de Partida... E isso para que a forma não se altere. Seria esse um caso de, segundo a classificação de Erwin Theodor, *recriação* literária?

Finalmente, um último exemplo de transposição.

Um Dauer (Werner Bergengruen)

Es sind drei Frauen nach Böhmen
[gegangen,
die haben drei seidene Vögel gefangen.
Sie sprachen sie an, machten sie zahm,
das jeder die goldenen Körner nahm.
Gaben ihnen Wein, hielten sie wert,
haben jeden Vogel ein Lied gelehrt.
Der erste singt Lust, der zweite singt Leid,
der dritte die klare Beständigkeit.

Pela estabilidade

(versão de João Accioli, in GEIR, pp. 368, 369)

Foram três mulheres à Boêmia,
pegaram três pássaros de seda.
Conversaram com eles, domesticaram-nos
até que todos comessem grãos de ouro.
Deram-lhes vinho, trataram bem deles,
ensinaram a cada pássaro um canto:
o 1º canta alegria, o 2º canta tristeza,
o 3º a clara estabilidade.

Não há muito que comentar. A transposição foi feliz por não ter interferido no conteúdo do texto original, embora o tradutor tenha, conscientemente, sacrificado sua forma (esquema AABCCDD).

Diante desses três exemplos, percebemos nitidamente os caminhos pelos quais o tradutor pode trilhar quando se depara com um texto que pretende transpor: 1º, ele procura preservar tanto a forma quanto o conteúdo – opção quase sempre inviável e bem pouco praticada devido às diferenças naturais entre sistemas lingüísticos diferentes e porque tal método exige do tradutor um profundo conhecimento tanto do sistema lingüístico da Língua de Partida quanto da Língua de Chegada; 2º, ele prioriza a forma – decisão, digamos, pouco recomendável – sem perder de vista o conteúdo; 3º, ele entende que, a despeito da configuração que um poema possa ter (portanto, sua forma), a mensagem que ele encerra (seu conteúdo) é que o valida como texto literário.

Bibliografia:

- ROSENTHAL, Erwin Theodor. Tradução: ofício e arte. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1926.
- SELANSKI, Wira. Antologia da Lírica Alemã. Rio de Janeiro, Editora Velha Lapa, 1999.
- CAMPOS, Geir (organizador). Poesia alemã traduzida no Brasil. Ministério da Educação e cultura – Serviço de documentação.